



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

## ARQUITETURA, IDENTIDADE E TERRITÓRIO: A MEMÓRIA COLETIVA ANCESTRAL REFLETIDA NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SÍTIO ALTO, SIMÃO DIAS – SE

VANESSA DOS ANJOS COSTA <sup>1</sup>

COLETTE DULCE DANTAS GOMES<sup>2</sup>

**Resumo:** Análise do processo de ocupação de um território na zona rural Sítio Alto, município de Simão Dias/SE, por uma comunidade quilombola. Por meio de pesquisas e entrevistas realizadas com os habitantes da comunidade, e revisões bibliográficas, foi possível interpretar o modo como se deu a ocupação do território, a importância da memória coletiva na construção da identidade quilombola, e a poética dessa comunidade plural e rica de saberes e fazeres tradicionais dos seus antecedentes africanos. Apresenta, também, como as políticas governamentais substituíram os métodos e conhecimentos construtivos ancestrais por edificações que descaracterizam a identidade da comunidade local. O artigo lança um olhar sobre a arquitetura como um instrumento que deve desempenhar um papel social, e auxiliar os sujeitos no processo de perpetuação e reafirmação de suas bases tradicionais e identidade cultural.

**Palavras-chave:** Comunidade Quilombola, Produção do espaço, Memória Coletiva, Identidade, Arquitetura.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente Artigo faz uma análise do processo de ocupação de um território, situado na zona rural Sítio Alto, município de Simão Dias/SE, por uma comunidade quilombola, buscando identificar na cultura e identidade desse povo como esses princípios conversam com a poética da arquitetura, e como se dá a apropriação do espaço social pelos seus remanescentes.

A formação das comunidades remanescentes quilombolas se caracterizam principalmente por serem grupos étnicos que descendem de escravos oriundos das fazendas no período da escravidão. Em busca de readquirirem sua liberdade formavam agrupamentos em territórios de difícil acesso. Normalmente sua população é predominantemente negra, com relações, costumes, hábitos e saberes que se diferenciam das demais comunidades. Ocupavam áreas mais isoladas para se

---

<sup>1</sup> Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Tiradentes- UNIT Aracaju/SE. [vanessadosanjos.arq.urbe@gmail.com](mailto:vanessadosanjos.arq.urbe@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora Assistente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Tiradentes - UNIT em Aracaju/SE. Mestre em Arquitetura (UFRJ/2005), Especialista em Museografia e Patrimônio Cultural (Claretiano/2016), graduada em Arquitetura e Urbanismo (UFES/1999) e Educação Artística (UFPE/1981). E-mail: [colette@colettedantas.com](mailto:colette@colettedantas.com)



SALVADOR E SUAS CORES [2020]  
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

refugiarem e estabelecerem vivências com pouco contato com indivíduos que não pertenciam ao grupo quilombola (SILVA, 2017) e (GOMES, 2015).

Essas características refletem na forma que ocupam determinado espaço, nas técnicas construtivas para se estabelecerem em seus territórios, seus hábitos e costumes, e suas manifestações culturais, que caracterizam a identidade do seu povo. Por isso, esse artigo pretende abordar, compreender e promover reflexões acerca dos aspectos da ocupação do território pela comunidade quilombola, suas formas de produção do espaço, e os reflexos atuais nas relações entre os seus saberes ancestrais e o processo de ocupação, permanência, e construção da identidade da localidade. Interpreta como as políticas governamentais substituem os métodos e conhecimentos construtivos tradicionais por edificações que descaracterizam a identidade da comunidade local.

Analisa como a arquitetura desempenha um papel social, servindo de instrumento para perpetuação e valorização da identidade local. Para fundamentar este trabalho, foram realizadas pesquisas de campo, entrevistas e conversas informais com moradores da comunidade, direcionadas às memórias coletivas dos quilombolas, além de revisões bibliográficas que serviram de base para a construção das informações expostas no material a seguir.

## 2 COMUNIDADES QUILOMBOLAS

O termo quilombo é proveniente da África, advindo dos povos de origem banto<sup>3</sup> (*kilombo* para o português: quilombo), maior grupo étnico da população africana que ocupava, e ainda ocupa mais da metade da África negra. A maioria dos negros exportados da África eram dessa etnia. Eles se organizavam em forma de assentamento familiar denominados de *kraal*, se tornando uma das principais características da arquitetura africana. Um *kraal* é constituído por um terreno cercado que contém diversas cubatas<sup>4</sup>, locais de trabalho,

---

<sup>3</sup> Banto é o nome que se dá a um conjunto de povos da África sul-equatorial. Esses povos falam diferentes idiomas (embora sejam todos derivados de uma mesma língua original) e têm diferentes tradições culturais.

<sup>4</sup> Construção que abriga uma só atividade, como uma cozinha, um dormitório, uma sala de trabalho, um celeiro, um sanitário (Weimer 2014).



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

horta, árvores frutíferas e de sombra (moradas de orixás), espaços cerimoniais, cercados de animais, etc. Como cada cubata abrigava apenas uma função, um *kraal* era formado por diversas construções (WEIMER, 2014).

A palavra quilombo tem a conotação de uma associação de homens, aberta a todos sem distinção de filiação a qualquer linhagem, na qual os membros eram submetidos a dramáticos rituais de iniciação que os retiravam do âmbito protetor de suas linhagens, passando a ser guerreiros. Com o tempo o termo foi tomando sentidos diferentes, alinhando-se a construção dos conceitos dos povos (MUNANGA, 1996).

Gomes (2015) afirma que no Brasil, desde as primeiras décadas da colonização, tais comunidades eram conhecidas como mocambos e depois quilombos. Na África central o termo era usado para designar acampamentos improvisados, utilizados para guerras ou mesmo apresamento de escravizados. Os aldeamentos africanos foram muito variados em suas formas e dimensões. A denominação mais comum que receberam no Brasil foi a do termo *quimbundo*, ou quilombo, que queria dizer aldeia. Conotações como “covil de negros fugidos”, e outras depreciativas, foram inventadas pelos escravocratas, e nada tem a ver com a origem africana do termo. (WEIMER, 2008).

A formação dos quilombos no Brasil foi iniciada a partir da vontade dos escravos readquirem sua autonomia e liberdade. Com o passar do tempo, e muitas tentativas desarticuladas pelos seus senhores brancos, os escravos conseguiram se organizar em territórios de difícil acesso, como locais montanhosos e matas fechadas. Assim descreve (MUNANGA, 1996, p. 63):

[...]O quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos. Escravizados, revoltados, organizaram-se para fugir das senzalas e das plantações e ocuparam partes de territórios brasileiros não-povoados, geralmente de acesso difícil. Imitando o modelo africano, eles transformaram esses territórios em espécie de campos de iniciação à resistência, campos esses abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos), prefigurando um modelo de democracia plurirracial.



**SALVADOR E SUAS CORES [2020]**  
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

As comunidades de remanescentes quilombolas atuais possuem essa raiz, e seu povo descende dos escravos que iniciaram seu processo de libertação naquelas localidades, no período da escravidão. Normalmente sua população é predominantemente negra, com relações, costumes, hábitos e saberes que se diferenciam das demais comunidades.

Tratando-se desta temática, é imprescindível não se prender tão somente ao conceito ancestral das comunidades quilombolas. Silva (2017, p. 23) comenta que:

Ao mencionar o nome Quilombo, surge para muitos a imagem de um local habitado apenas por negros e associados aos escravos fugitivos das fazendas no período da escravidão. Mas o fato é que nem sempre as comunidades remanescentes quilombolas apresentam tais características. Como todo grupo, os remanescentes quilombolas estão sujeitos a transformações. Tiveram a possibilidade de construir suas trajetórias, formando suas identidades diversas, seja étnica ou cultural e a partir de suas experiências reproduzem o passado de seus ancestrais.

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA define ainda as comunidades de redutos quilombolas como grupos étnicos predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana, que se auto definem a partir das relações específicas com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias.

Quanto as definições das comunidades e demarcações dos territórios quilombolas, o INCRA é o órgão competente federal que garante a titulação das áreas remanescentes quilombolas, assim como definidos pelo Decreto presidencial 4.887/2003 que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por descendentes das comunidades dos quilombos. Segundo esse decreto, a definição de comunidades quilombolas ficou atribuído a auto identificação dos grupos, tornando-se o principal critério para titulação e reconhecimento federal das comunidades remanescentes. Embora necessitem passar por seis etapas para a regularização e garantia do território, o Decreto facilitou a reivindicação dos remanescentes ao direito de posse das terras pertencentes às comunidades.



**SALVADOR E SUAS CORES [2020]**  
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

Essa reformulação nos procedimentos para a certificação das comunidades quilombolas foi bastante significativa, visto que até dezembro de 2003 o processo de reconhecimento era regulado pelo Decreto nº 3.912, de 10/09/2001, em que o Governo Federal exigia comprovação documental da descendência de escravos fugidos e da posse histórica ininterrupta sobre o território (SILVA, 2017, p.27).

O INCRA estima que existam mais de três mil comunidades quilombolas no Brasil. Somente em Sergipe são 5.438 famílias autointituladas como remanescentes quilombolas. No total, o estado possui 31 comunidades identificadas pela FCP - Fundação Cultural Palmares<sup>5</sup>, algumas com processos mais avançados, chegando nas etapas finais para demarcação do território. Dentre essas comunidades auto reconhecidas como quilombolas, encontra-se a comunidade de Sitio Alto em Simão Dias/SE, com o processo iniciado em 2015. Atualmente a população possui a Certidão de Auto Reconhecimento emitido pela FCP, faltando às demais etapas para que haja a demarcação e titulação territorial pelo INCRA.

## **2.1 QUILOMBO DE SITIO ALTO: TERRITÓRIO E OCUPAÇÃO**

O Quilombo de Sitio Alto está localizado a aproximadamente uma distância de 8 km do centro do município de Simão Dias, região centro-sul do estado de Sergipe (Figuras 1). O município se caracteriza geograficamente por possuir regiões de serra, cavernas, vales e matas na zona rural. A comunidade possui esse nome – Sítio Alto - exatamente por estar situado entre uma dessas serras. O povoado recebeu o nome definitivo em 18 de março de 1995, quando houve a fundação da Associação Comunitária da comunidade.

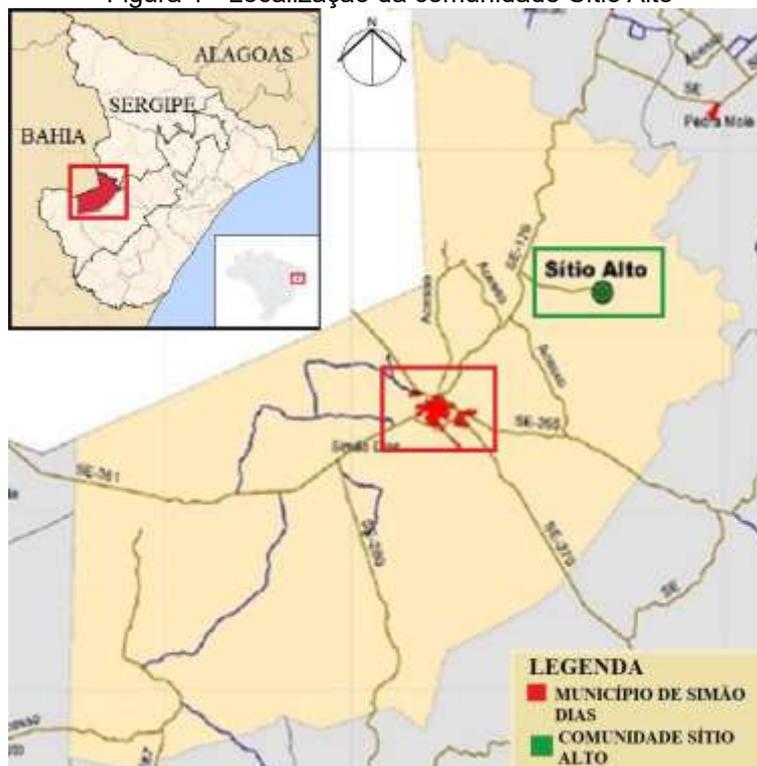
---

<sup>5</sup> Instituição pública criada pelo Governo Federal voltada para a promoção e preservação da arte e da cultura afro-brasileira.



**SALVADOR E SUAS CORES [2020]**  
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

Figura 1 - Localização da comunidade Sítio Alto



Fonte: Silva (2017), editado pela autora

Por meio das pesquisas realizadas em campo, foi possível perceber que eles passaram a se reconhecer física e socialmente diferenciados das demais comunidades, principalmente, pelos seus hábitos e costumes. Por meio da memória coletiva, alçada nas histórias transmitidas pelo povo de Sítio Alto, foi possível se perceberem e se auto reconhecerem como uma comunidade formada a partir do reduto quilombola pré-existente. A principal figura que auxiliou na descrição do cenário desta comunidade foi dona Josefa, líder comunitária e personagem essencial na valorização e luta por melhoria de vida dentro do povoado.

Cabe salientar que o interesse pelo reconhecimento quilombola é recente, iniciado a partir de 2010, pois até então os habitantes não eram cientes da existência de uma legislação específica, e nem dos seus direitos em serem reconhecidos como uma comunidade socialmente diferenciada das demais.

A população não sabe ao certo informar quando foi iniciada a ocupação do território, relatam que a ocupação é bem anterior até mesmo à própria ocupação do município de



**SALVADOR E SUAS CORES [2020]**  
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

Simão Dias. Sabe-se, porém, que os primeiros habitantes a ocuparem a comunidade eram oriundos de uma fazenda das proximidades chamada “Rio dos Negros”, em que eram escravos até o fim do século XIX. Existem também afirmações dos moradores sobre outras origens da ancestralidade do povoado, sendo oriundos de migrações de outros municípios das redondezas.

Os moradores relatam que os primeiros habitantes adentraram a mata fechada por trás do cume da serra, considerado um ponto estratégico de esconderijo (Figuras 2 e 3). O ponto destacado em vermelho foi onde se originou as primeiras ocupações do povoado. Refugiavam-se nessas matas por possuírem receio em ter contato com outras pessoas fora do grupo e serem apreendidos ou deslocados do lugar. Não existiam estradas de acesso externo, e esse isolamento inicial no processo de ocupação do território promoveu uma preservação maior da cultura dos remanescentes, já que as trocas e contatos eram somente entre quilombolas do grupo.

Figura 2 - vista da serra da comunidade Sitio Alto

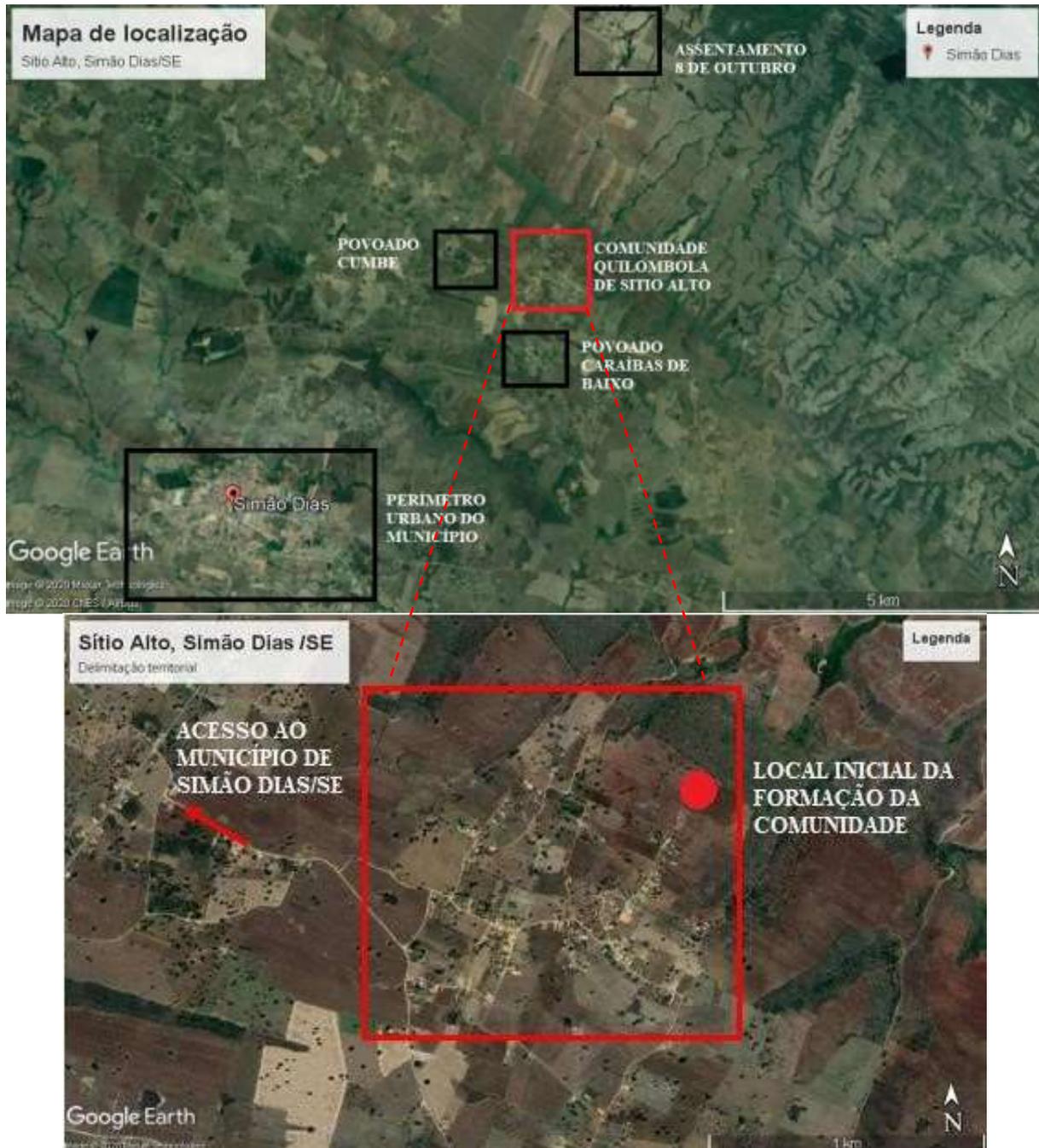


Fonte: Acervo da autora, 2019



**SALVADOR E SUAS CORES [2020]**  
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

Figura 3 - Mapa de localização da comunidade Sítio Alto, Simão Dias – SE



Fonte: Google Earth – editado pela autora, 2020

### 3 PRODUÇÃO DO ESPAÇO E OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO COM IDENTIDADE ANCESTRAL

Desde a origem da comunidade, a história do Sítio Alto é atrelada a diversas dificuldades, primeiro por esse isolamento na forma de ocupação, segundo pela falta de infraestrutura



**SALVADOR E SUAS CORES [2020]**  
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

para a população, serviços básicos como alimentação e acesso a água eram escassos, bem como as condições de saúde eram precárias. Para resistirem às adversidades os quilombolas encontravam na natureza os meios para se alimentar e sobreviver nas vegetações das matas mais próximas, quando não havia produção agrícola de subsistência suficiente nos períodos de seca.

Esses símbolos de resistência são enraizados nos costumes da sua reminiscência quilombola, seus saberes e fazeres, suas manifestações culturais - essencialmente a dança de roda (Figura 4) que é o símbolo mais forte da comunidade, e se mantém presentes até hoje. A dança e a musicalidade refletem as formas de preservação, permanência e resistência do quilombo.

Figura 4 - Apresentação da dança de roda na comunidade



Fonte: Fotos cedidas por Roberto Lacerda

Dona Josefa relata que:

“Antigamente o povo passava muita fome, quando via as panelas vazias que não tinha nada pra comer `nóis` ia brincar roda, quando tinha uma moça ou um rapaz interessado, `nóis` ia brincar roda, quando tinha briga em casa `nóis` ia brincar roda. `Nóis` ia chamando um vizinho e outro se juntava no terreiro e tudo era resolvido na roda. As cantigas falavam das plantações, da terra, das colheitas, os casamentos, dos *namorado*...Tudo era resolvido na roda” (JOSEFA, entrevistada em janeiro de 2019).

Os moradores relatam que desde pequenos já aprendiam a brincar de roda nos terreiros das casas, e que era sempre essa a diversão dentro da comunidade. Por meio dos versos foi possível manter a continuidade às tradições do plantio e manejo com a terra, como se reuniam para comemorar a produção rural, os casamentos, os costumes



SALVADOR E SUAS CORES [2020]  
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

existentes na comunidade desde a sua fundação, a vida em coletividade, como também as formas de ocupação e os métodos e técnicas construtivas que foram passados de pai para filho, até os dias de hoje, construindo a memória coletiva da comunidade.

Além da dança de roda, a vida em coletividade é um dos símbolos mais marcantes desde os primeiros habitantes do Povoado. Desde o início o território vem sendo ocupado como forma de aldeamento. As casas são próximas umas das outras, tem um aspecto de vila, semelhante aos aldeamentos ancestrais existentes na África. No processo de ocupação do quilombo, e na construção das primeiras habitações, seguiam a cultura dos batalhões<sup>6</sup>. Cada casa era feita de forma coletiva. Os vizinhos se organizavam e cada um ficava responsável por uma atividade do processo construtivo. Enquanto alguns trabalhavam para cortar madeira nas matas, outros ficavam responsáveis por erguer a construção.

As primeiras casas eram executadas com estrutura de madeiras retiradas das matas locais: taipa de sopapo<sup>7</sup>, coberturas com o uso da palha de taboa<sup>8</sup>, bananeira, pindoba, entre outras da região. Assim como descritas no trecho a seguir:

As paredes eram erguidas com a fixação das peças de madeira mais grossas, que sustentam as varas feitas com galhos de árvores, e amarrados com cipós. Após a organização estrutural, iniciava-se a feitura do barro para fechar as paredes. Para tanto geralmente dois homens (que revezavam nas atividades) transportavam a argila de um barreiro (pequena barragem) em um *bangué* (estrado feito de cipós ou madeira) até o local da edificação. Enquanto isso, outro grupo masculino utilizada o barro no preenchimento da estrutura de madeira [...] as crianças participavam transportando água em cabaças e moringas de barro para os trabalhadores (MENEZES E GOMES, 2016 p. 27).

---

<sup>6</sup> Termo utilizado pelos moradores na comunidade para se referir a reunião de pessoas para realizarem a atividade, entende-se como mutirões.

<sup>7</sup> Parede feita de ripas ou compostas por varas entrelaçadas e revestidas por barro, podem ser conhecidas também como taipa, taipa de mão, pau a pique ou taipa de sebe.

<sup>8</sup> Taboa - *Typha domingensis* é o nome popular de uma planta aquática típica de áreas de brejos, manguezais e várzeas.

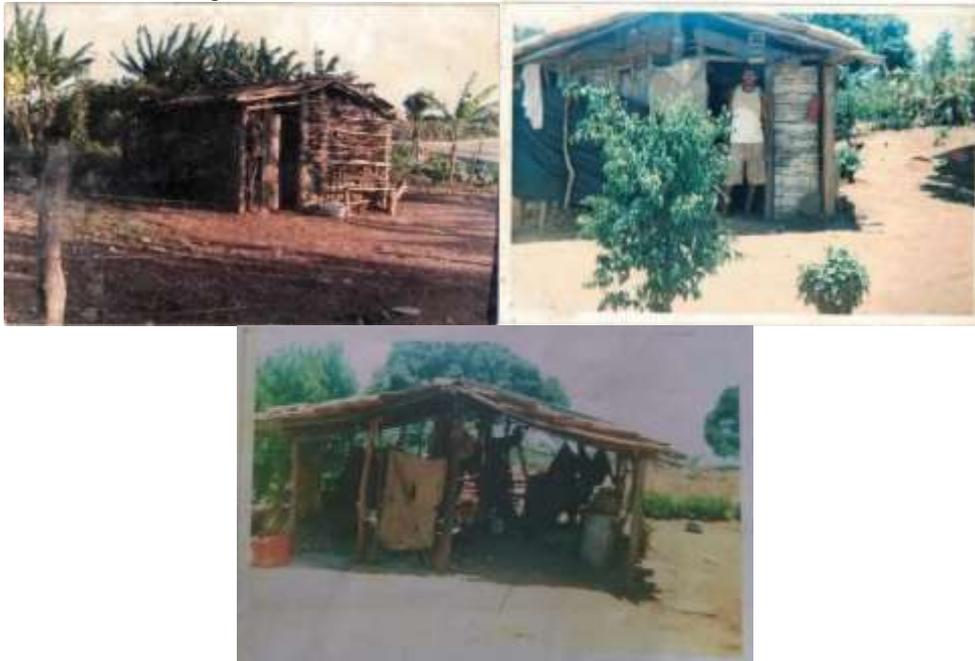


**SALVADOR E SUAS CORES [2020]**  
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

Depois de erguidas eles distribuíam as casas de taipa de sapo para os novos moradores, dessa maneira coletiva o Sítio Alto foi sendo erguido e ocupado. As mulheres ajudavam principalmente na preparação das comidas e bebidas. Após encerrada as construções eles começavam a dança de roda para comemorar o trabalho finalizado.

Não se tem registros fotográficos desse período de apropriação e ocupação do espaço. São relatos que pertencem à memória coletiva da comunidade. Tem-se, porém, fotos de alguns barracos de meados da década de 1990 a 2000 (Figura 5). Nesse período a população já passara a ter contato com as comunidades vizinhas, mesmo que de forma tímida, o que promoveu um aglutinamento de elementos externos na produção das suas casas, como o uso do plástico e telhas de reuso.

Figura 5 - Moradias antigas da comunidade Sítio Alto datadas entre as décadas de 1990 e 2000



Fonte: Acervo pessoal de Dona Josefa

Foi comentado também sobre a importância das áreas dos terreiros<sup>9</sup>, reservados para as atividades campesinas e coletivas dos quilombolas. Esses terreiros são até hoje palco da dança de roda da comunidade, reuniões comunitárias e familiares, além de ser um espaço para a secagem dos grãos da produção da rural. A presença do terreiro é tão marcante que esse espaço existente na casa da líder comunitária passou a ser um marco territorial e ponto de encontro do Sítio Alto, se tornou um espaço para todas as atividades coletivas da comunidade (Figura 6).



**SALVADOR E SUAS CORES [2020]**  
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

Figura 6- Dona Josefa em um dia de encontro comunitário para dançar roda no seu terreiro



Fonte: fotos cedidas – chão batido de terra

Um outro exemplo de edificação construída na comunidade foi o barracão cultural (Figura 7). Nesse espaço eram celebrados as comemorações religiosas, manifestações culturais, festas, datas comemorativas e casamentos. Sua estrutura era adaptada com peças de madeira retiradas das matas e folhagens locais e construído de forma coletiva, como nos hábitos construtivos ancestrais. Esse barracão foi substituído por uma Unidade básica de Saúde (UBS), que será abordado no tópico seguinte.

Figura 7 - Barracão cultural em dia de festejo: palha e madeira retirados da mata local



Fonte: Acervo pessoal de dona Josefa



**SALVADOR E SUAS CORES [2020]**  
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

A última edificação que remete as mesmas técnicas construtivas abordadas anteriormente foi o Memorial da comunidade. Segundo dona Josefa a pequena edificação havia sido construída para funcionar como um pequeno museu, onde seriam expostos antigos utensílios utilizados nas roças e nas atividades domésticas pelas famílias, além das antigas correntes dos escravos ou quaisquer objetos que de alguma forma tivessem lembranças dos saberes e fazeres para resguardar a memória coletiva da comunidade (Figura 8).

Figura 8 - Antigo Memorial do Sítio Alto



Fonte: Imagens cedidas por Roberto Lacerda, 2018

A edificação tinha as mesmas características materiais das primeiras edificações da comunidade. Segundo dona Josefa, a utilização da taipa e palha foi proposital, pois se trata de mais reafirmação à memória da ocupação inicial da comunidade, possibilitando uma preservação dos saberes construtivos tradicionais. A edificação foi demolida para a construção do centro comunitário multifuncional. Ela afirma ainda que possui a intenção de reconstruí-lo ao lado do centro comunitário, com as mesmas técnicas construtivas adotadas no Memorial, como meio de preservação da memória coletiva.

Ficou claro que a memória coletiva da comunidade retrata um processo de ocupação e resistência dos quilombolas, sobretudo os aspectos fundamentais da sua identidade construída na resistência negra. A coletividade e vida em comunidade são traços característicos da cultura desse povo, e aos poucos foi disseminado na forma de ocupar o território. Seus modos de ocupar e morar fazem parte das suas raízes afrodescendentes de luta e resistência. O trabalho manual com elementos da natureza local e a atividade coletiva para execução dessas edificações, que se tornam lares, são simbologias físicas da resistência de um povo, que rompe as condições de vulnerabilidade por meio da luta pela liberdade e sobrevivência.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]  
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

O uso dos materiais e métodos construtivos de conhecimentos ancestrais denotam suas raízes africanas na forma de produção do espaço. Assim como a relação afetiva e poética com a natureza e a terra, e como ela pode servir de base, desde o ciclo da produção do alimento até a forma de abrigar os remanescentes.

As construções solidárias e coletivas falam na forma de união, entrelaçada nas raízes africanas, para resistirem em sua identidade, em sua memória ancestral coletiva, nesse território onde se sentiram acolhidos e refugiados. A conexão com a natureza como forma de subsídio para a sobrevivência do quilombo, é outro aspecto que caracteriza a comunidade, conectando sua responsabilidade coletiva na manutenção das tradições ao culto à terra. Transformaram o espaço, antes berço do reduto de negros em busca de liberdade, escrevendo novas histórias, lembrando suas raízes ancestrais na África, e recriando um território coletivo e resistente.

#### **4 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO ATUAL COMO MEIO DE PERMANÊNCIA DA MEMÓRIA ANCESTRAL COLETIVA**

As edificações com técnicas afrodescendentes foram dando lugar à novas edificações, que diferem das construções com a memória ancestral do lugar. Após a formação da associação comunitária, dona Josefa passou a conhecer meios para trazer novos progressos e melhorias para a comunidade, buscou subsídios junto aos programas governamentais e associações, que auxiliavam no desenvolvimento das comunidades rurais.

Primeiro veio o acesso à energia elétrica em 1996, depois o acesso a água potável com as primeiras cisternas<sup>9</sup> no governo João Alves, por meio do projeto Chapéu de couro (2003), e, posteriormente, a Articulação do Semiárido Brasileiro - ASA construiu o restante dos reservatórios. Recentemente a comunidade também recebeu um projeto da

---

<sup>9</sup> **Cisterna** é um depósito ou reservatório que serve para captar, armazenar e conservar a **água**, podendo ser da **água** potável, **água** da chuva ou **água** de reuso.



**SALVADOR E SUAS CORES [2020]**  
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

Prefeitura local com o intuito de encanar água dos chafarizes locais, o que promoveu melhor acesso à água, diminuindo os problemas com a seca e a escassez de alimentos. Até então, essas transições podem ser consideradas positivas, tendo em vista os fatores de infraestrutura da comunidade. Já a substituição das casas, que foi iniciada em 2002 e finalizada em 2010 por projetos governamentais, não é um ponto tão positivo assim.

Aos poucos as edificações precárias foram sendo substituídas pelas moradias de habitação popular disponibilizadas pelos programas do governo federal, extinguindo do povoado as construções de taipa de sopapo tradicionais. As moradias anteriores foram consideradas insalubres e com muitos problemas nas condições de infraestrutura. Não pela materialidade (madeira, barro e folhagens das matas locais), assim como afirma a própria líder, mas pela falta de estrutura adequada que garantissem maior conforto, saúde e privacidade aos habitantes.

A forma como se deu esse progresso, de acordo com as necessidades e entendimento das políticas públicas, chama o olhar para uma descaracterização e desconstrução dos saberes locais, principalmente das técnicas construtivas e produção do espaço. As primeiras moradias substituídas foram reconstruídas com alvenaria de blocos e telhas cerâmicas, como vistas na (Figura 9).

Figura 9 - habitações populares com projeto padrão de com bloco e telha cerâmica



Fonte: Vanessa dos Anjos (2020)

Os equipamentos públicos da comunidade também seguem a mesma linha de raciocínio, sejam nas substituições de uma edificação pré-existente, ou mesmo pela implantação nova de algo que ainda não existia na comunidade. No espaço onde antes tinha o barracão cultural, existe hoje a UBS (Figura 10).



**SALVADOR E SUAS CORES [2020]**  
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

Figura 10 - Unidade básica de saúde em projeto padrão da prefeitura



Fonte: Vanessa dos Anjos (2019)

O Memorial, construído com a ideia de preservação da memória da comunidade, deu espaço ao Centro Multifuncional (Figura 11).

Figura 11 - Centro Multifuncional finalizado em 2019



Fonte: Vanessa dos Anjos (2020)

A primeira escola da comunidade já foi construída com uma morfologia e materialidade que difere, e não dialoga em nada, com a cultura do quilombo (Figura 12).

Figura 12 - Escola da comunidade



Fonte: Vanessa dos Anjos (2019)



**SALVADOR E SUAS CORES [2020]**  
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

Essa é uma realidade não só da comunidade Sítio Alto, mas das centenas de milhares de comunidades tradicionais que estão sofrendo essa desconstrução da identidade e arquitetura local, abrindo lacunas para uma modernidade funcional. Eles abrigam função, mas não abrigam identidade. Aos poucos vão perdendo a identidade arquitetônica, o que antes era espaço coletivo de símbolos atrelados ao lar, a natureza local e a cultura ancestral têm dado espaço ao que é atribuído ao funcional. A modernização se comprometeu prioritariamente com o espaço e a forma, enquanto o tempo, uma qualidade essencial de nossa existência, foi negligenciado (PALLASMA, 2017).

Weimer (2008) comenta que essa modernização faz parte do olhar das autoridades sobre a ideia de “saneamento” nos redutos de pobreza, que consiste em substituir as formas tradicionais de moradias por novas, sem respeitar os valores tradicionais da sociedade africana. Por isso, os resultados destas intervenções têm se mostrado desastrosos. É possível perceber uma perda de empatia pelo habitante. A falta de raízes nessa arquitetura se tornou sinônimo de solidão desapegada, e de um perpetuo tempo presente, constroem-se espaços que abrigam maior parte das necessidades físicas, mas que não conseguem abrigar a identidade de seus habitantes (PALLASMA, 2017).

Isso não quer dizer que o problema esteja na modernização dos métodos construtivos, na verdade é necessário haver intercâmbio de informações modernas nessas comunidades, até porque o quilombo também se modernizou. A razão maior dos equívocos ocorre porque a administração oficial não tem levado em consideração os fatores da tradição multissecular destas populações. Não é suprimindo-os que se “acaba com o mal”. O que teria de ser feito é melhorar as condições de habitabilidade destas populações, respeitando suas tradições e seus costumes WEIMER (2008). É importante conhecer esses antepassados e o que deixaram como herança, para não se cometer erros em relação às nossas cidades que são produto da nossa falta de visão do futuro, associada à falta de conhecimento do passado (SOUZA, 2006).

Nesses cenários a arquitetura deve ser inserida como importante instrumento no processo de reconhecimento da identidade desses povos, desde o processo de



SALVADOR E SUAS CORES [2020]  
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

reafirmção e pertencimento ao lugar, à perpetuação dos saberes tradicionais locais, por meio dos conceitos e partidos atribuídos a edificação. Comtemplar esses fatores é criar uma relação mais íntima entre o espaço projetado e o sujeito. Essas considerações valem tanto para os equipamentos públicos como para os lares dessas comunidades. Esses espaços não servem apenas para abrigar nossos corpos e necessidades físicas, mas também nossas mentes, memórias, sonhos e desejos, que devem ser acomodados e habitados. Habitar é parte de nosso próprio ser, de nossa identidade PALLASMAA (2017).

O quilombo é um território pluralizado que se modernizou, e as formas de produção do espaço também, mas isso não quer dizer que se deva apagar as técnicas e memória ancestral por uma substituição pautada na “sanitização”. O resgate da origem da cultura da comunidade quilombola por meio da arquitetura é uma ferramenta essencial na perpetuação da memória local. A arquitetura em sua essência deve ser o prolongamento da identidade do usuário. Compreender o espaço onde se insere, e qual a função dele diante das necessidades dos indivíduos, é essencial para alcançar o estágio de equilíbrio da intervenção arquitetônica como lugar de inserção das pessoas que o habitam.

#### **4 CONCLUSÃO**

Os quilombos brasileiros possuem suas bases na ancestralidade africana. Conservam em seus territórios históricos de uma vida pautada na luta pela liberdade e resistência negra. Escreveu sua identidade na forma coletiva de como vivem e ocuparam o espaço, com uma poética entrelaçada nos modos de vida e relação com a natureza local, desde a produção do alimento até a maneira de povoar, ocupar e construir suas habitações. Essa identidade tradicional dos saberes e fazeres precisam ser preservados e solidificados.

Precisa haver, também, uma desconstrução de olhar sobre o quilombo como um espaço marginalizado e atrasado. Os quilombos se modernizaram, mas nem por isso se deve desmembrar sua identidade para dar espaço a uma cultura que não possui bases nas



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

origens ancestrais do lugar. Os equipamentos e habitações dessas comunidades precisam existir e se materializar, como forma de reafirmar essa ancestralidade presente na identidade dos quilombos. Essas comunidades merecem o olhar técnico dos arquitetos, para aprender junto, e de forma coletiva estudar uma construção de como pensar uma arquitetura mais assertiva para esses povos. A resposta, com certeza, está na troca comunitária dos saberes ancestrais locais.

O campo de estudo não se limita aqui. Assim como o quilombo de Sitio Alto, existem outras comunidades que precisam de estudos e pesquisas acerca da sua cultura, seus modos de vida como eles têm se estruturado até os dias atuais. Cabe também aprofundar estudos sobre como as políticas públicas têm agido nesses territórios, e a importância do papel do profissional de arquitetura atuando frente a essas comunidades. Cabe investigar e pesquisar estratégias de como se pode promover melhorias para esses povos, que até então tiveram seus direitos negados pela sociedade, mas que as mudanças sociais vêm dando voz a quem, até então, não tinha.

Portanto, ficou entendido o quanto a memória coletiva é rica e de suma importância, mas só ela não basta. É necessário intervenções que, de forma empática e sensível, interajam com esses povos. A arquitetura, e como ela é pensada para essas comunidades, precisa interagir como uma forma de manutenção, valorização e permanência dos saberes locais. Reconhecer a identidade dos seus usuários e trazer para o conceito e partido do Projeto Arquitetônico elementos que dialoguem com a cultura do quilombo.

## REFÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BRASIL. 2003. **Decreto Federal Nº 4.887 de 20/11/2003.** Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

FAGUNDES, Andhressa; FAGUNDES, Rita; MENEZES, Sônia. **Cultura, tradições e segurança alimentar da comunidade Sítio Alto, Sergipe.** Aracaju. J. Andrade, 2016. COPPE, Rio de Janeiro.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos  
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

MUNANGA, K. (1996). Origem e histórico do quilombo na África. *Revista USP*, (28), 56-63. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i28p56-63>> Acesso em 1 de outubro

PALLASMAA, Juhani *Habitar*. São Paulo, São Paulo : Gustavo Gili, 2017.

SILVA, Daniela Santos. **Sítio Alto: entre dança, história e etnicidade**. 2017 (Dissertação de Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão.

SOUZA, Marina de Mello. *África e Brasil Africano*. São Paulo: África, 2006.

WEIMER, Gunter. *Inter-Relações Afro-Brasileiras na Arquitetura*. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: EDPUCRS, 2014.

WEIMER, Gunter. **Interrelações Arquitetônicas Brasil África**. 2008. Disponível: <<http://ihgrgs.org.br/artigos/membros/G%C3%BCnter%20Weimer%20-%20Interrela%C3%A7oes%20Arquitetonicas%20Brasil-Africa.pdf>> Acesso 2 de outubro de 2020.